

16/04/90

Brasília: da construção ao Terceiro Milênio

Com mais de duas dezenas de livros e tendo vivenciado todos estes tempos de Brasília, o jornalista e escritor Adirson Vasconcelos faz uma análise sobre Brasília, na base de conversa gravada, tratando de assuntos de alto sabor sócio-econômico e cultural e revelando sua opinião sobre a Capital de todos os brasileiros.

Adirson Vasconcelos consagrou-se como o historiador e analista de Brasília. Seu primeiro livro — *O Homem e a Cidade* — data de 1960 e, nestes 30 últimos anos, tem estudado Brasília, suas causas, seus objetivos, seus problemas, seus resultados, suas perspectivas. Entre seus trabalhos tornaram-se obras de referência os livros *A Mudança da Capital* e *A Epopéia da Construção de Brasília*.

P — Qual a sua visão histórica de Brasília no contexto nacional?

— Embora Brasília conte com quase 30 anos de vida a experiência dela é uma das mais longas da história nacional e cheia de ensinamentos nos mais variados campos da sabedoria. A experiência de Brasília vem dos tempos do Brasil-Colônia, quando surgiu a idéia no seio de um dos movimentos mais legítimos de civismo nacional, a Conjuração Mineira. E, assim, sempre lado a lado com os ideais mais autênticos da vida nacional, a idéia de interiorização da Capital do Brasil atuou como tema durante o Brasil-Colônia, teve acentuado destaque durante o Império e despoitou, como aspiração nacional, logo nos primeiros movimentos do Brasil-República.

E foi neste período da vida brasileira que Brasília ganhou corpo e pujança como reivindicação da nacionalidade, para finalmente vir a se tornar realidade a partir de 1960, quando, depois de três anos de trabalho insano, foi inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschke de Oliveira, que a construiu em tempo recorde. Por fim, nestes seus primeiros 25 anos de existência como capital do Brasil e como cidade confirmou, através dos resultados de sua presença em pleno Brasil-Central, o quanto andaram bem-intencionados e clarividentes todos aqueles que, ao longo dos tempos, defendiam a idéia de plantar uma capital do País no interior central como forma de integração nacional, melhoria dos padrões administrativos e pólo vitalizador do território nacional, antes inerte, com suas riquezas e telúricas inativas e suas pequenas populações desassistidas. A experiência de um despertar, de um novo "Grito do Ipiranga".

P — Quem é o idealizador de Brasília?

— Por engano, alguns atribuíram, no passado, ao Marquês de Pombal a primeira idéia no sentido da interiorização da capital do Brasil. Um erro que não deve ser repetido.

Nada existe que demonstre ou comprove a participação de Pombal, primeiro-ministro de Portugal, quanto a esta intenção. A iniciativa de transferência da capital para o interior do País, já que ela se situava antes em Salvador e depois no Rio de Janeiro, surgiu coincidentemente com o mais eloquente de todos os nossos movimentos nativistas: a Conjuração Mineira, também designada de Inconfidência Mineira.

Desejavam os mentores da conspiração patriótica emancipar o Brasil do jugo português. E vitoriosa a pretensão, fariam do Brasil uma República. E esta República teria como sua capital, não o Rio de Janeiro, que exercia aquela função, mas sim, uma cidade interiorana, a cidade de São João Del Rey, em Minas Gerais.

Desta forma, a capital do Brasil República, sonho dos inconfidentes de 1789, seria transferida do Rio para o interior, no Estado de Minas.

Neste fato relevante da história pátria desponta a figura invulgar de Tiradentes, o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o grande idealizador e articulador de tudo.

Desejava e propunha Tiradentes um Brasil-República (éramos, então, colônia de Portugal), com uma capital instalada no centro do Brasil, e tinha até mesmo local definido para a sede do governo, como disse, a cidade de São João Del Rey. Vítila, como se sabe, de traição e malogrado o seu ideal, Tiradentes sofreu as penas do regime reinante, em consequência do que foi consagrado, depois, mártir da nacionalidade e seu nome erigido ao trono de Patrono Cívico da Pátria brasileira. E, por igual, deve ser, também, eleito, especificamente por Brasília, como o seu idealizador.

Esta feliz coincidência é alvissareira e relevante para Brasília, que tem sua história iniciando-se com a maior figura da vida nacional, de todos os tempos: Tiradentes.

P — Este ideal de interiorização lançado por Tiradentes teve seguidores após o insucesso da Conjuração Mineira?

— A chama patriótica acesa por Tiradentes, que, ao pretender um Brasil independente, o desejava com uma capital instalada nas suas regiões interiores, esta chama manteve-se acesa, pela voz e pelo ideal de muitos brasileiros, ao longo dos tempos, até ser passada às mãos de uma figura semelhante a Tiradentes, o presidente Juscelino, que incorporou e consubstanciou o ideal do Mártir da independência, transformando em realidade aquilo que 171 anos antes, em 1789, fora ideal malogrado de um grupo de patriotas desejosos de ver o Brasil como um país livre, independente e soberano.

P — Então, a idéia de mudar a capital teve uma longa caminhada?

— De Tiradentes a Juscelino é longa a caminhada do ideal mudancista da Capital para as regiões interiores, onde hoje se localiza Brasília.

Escrevi já vários trabalhos sobre Brasília e entre estes destaco principalmente um, intitulado *A Mudança da Capital*, que é um relato e uma análise desse movimento. E uma história, a de Brasília, toda repleta de iniciativas cívicas e pincelada de extasiados raios de misticismo que nos deixa, a todos, a pensar mais e mais no papel que esta cidade, Brasília, poderá representar, dentro de um pouco mais de tempo, na história da humanidade toda.

No que diz respeito estritamente à participação de brasileiros, ao longo dos tempos, em defesa do ideal de Tiradentes, vamos encontrar, em desfile, um pleiade grande de figuras as mais respeitáveis e de notoriedade na política nacional.

Assim, a idéia esteve presente em todas as nossas fases históricas: na Colônia, no Império e na República. José Bonifácio teve papel importante, quer no Brasil-Colônia quer no Brasil-Império. Igualmente significativa foi a devoção do jornalista Hipólito da Costa, fundador do **CORREIO BRAZILIENSE**, pelo ideal da interiorização

ARQUIVO



ADIRSON VASCONCELOS

Escritor e jornalista analisa a história de Brasília

rização da capital do Brasil. E do tempo de Império, a atuação de Adolfo de Varnhagen e o sonho de Dom Bosco. Todavia, no Brasil-República, a partir de 1889, é que o ideal mudancista tomou corpo e tornou-se realidade em 1960, com a inauguração de Brasília pelo presidente JK.

Três constituições, no período republicano, consagrou a idéia, e três comissões de estudos definiram e demarcaram a área da nova capital no Planalto Central goiano. E muitos brasileiros — legisladores, jornalistas, escritores, militares — se empenharam na defesa da interiorização da capital, destacando-se figuras como Floriano Peixoto, Cruls, Americano do Brasil, Nogueira Paranaguá, Polli Coelho, José Pessoa e tantos outros. E, finalmente, o presidente Juscelino Kubitschke, que concretizou o ideal de quase duas gerações de brasileiros.

P — O que representou, na história nacional, a construção de Brasília?

— A construção de Brasília foi a melhor demonstração que o Brasil poderia dar ao mundo da capacidade realizadora do seu povo. O ineditismo urbanístico e arquitetônico e a própria maneira de execução da obra em tempo absolutamente recorde, acordaram o mundo para o que realizávamos aqui, sempre em termos de admiração e aplausos.

O marco do início das obras de Brasília foi a primeira viagem do presidente Juscelino ao local onde a cidade deveria ser erguida. Naquele 2 de outubro de 1956, o presidente JK determinou as primeiras providências e fixou inclusive o prazo de execução das obras da nova cidade. Existia, naquele dia, apenas o cerrado, inerte e sonolento. Um grupo improvisado, construiu, de forma organizada um "palácio de tábuas", o Catetinho. Gente de todas as partes afluía para o Planalto atraído pela grande epopéia.

E todos se deram as mãos para a realização de uma obra ciclópica, que se tornou realidade em cerca de mil dias. Israel, Sayão, Ernesto, Iris, Joffre, Moacir, Vasco, Lúcio, Oscar e outros eram as grandes figuras comandantes e realizadoras, sem se esquecer do presidente JK.

Cada visita de Juscelino, afável e amigo de todos, era uma injeção de ânimo, de entusiasmo, e uma arrancada rumo aos grandes recordes que eram alcançados em termos de rapidez na conclusão das obras.

Assim foram feitos os palácios, os ministérios, as obras debaixo do chão, as superquadras, as estradas, os viadutos, os eixos, as tesourinhas, tudo. Tudo em tempo recorde e definitivo, para sempre.

Presidentes e intelectuais viram o desenrolar da epopéia da construção de Brasília. E todos deixaram uma palavra de fé, de admiração. Um desses espectadores, o escritor e ministro francês André Malraux, viu Brasília em obras e apercebeu-se do seu significado: eis a "Capital da Esperança", exclamou.

Finalmente, a 21 de abril de 1960, em respeito às leis e à vontade popular, o presidente Juscelino Kubitschke de Oliveira inaugurou a nova capital dos brasileiros, num acontecimento sem precedentes, no País, no decorrer do Século XX.

As emoções e os detalhes deste momento nacional, vivido em cerca de mil dias, tive já oportunidade de retratá-lo no livro que se chama *A Epopéia da Construção de Brasília*, e breve, revelei os nomes dos heróis desta epopéia, ao publicar *Os Pioneiros de Brasília*.

Quando Brasília era inaugurada, o presidente chorou e disse com muita sabedoria: "Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. E sobretudo para eles que se ergue esta cidade-síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã".

P — Como vê a repercussão de Brasília perante o futuro do Brasil?

— Com a inauguração de Brasília, o povo brasileiro deu uma demonstração de sua fé, da sua capacidade de trabalho e da sua confiança nos destinos da própria pátria. Dava início a uma nova era na História do Brasil, como o "gigante pela própria natureza" dando sua arrancada, encontrando-se a si mesmo, no seu interior, para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas que ainda se encontravam em estado potencial, inerte e sonolento. Eram, assim, alcançados, na antevista de Hipólito da Costa, primeiro jornalista brasileiro e fundador do jornal **CORREIO BRAZILIENSE** no início do Século XVIII, os "fundamentos do mais extenso, ligado e bem defendido e poderoso império que é possível existir na superfície do globo".

E, com a presença de Brasília, na História do Brasil e do mundo, um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na História do seu país e da humanidade, o presidente Juscelino Kubitschke de Oliveira.

Litoral e interior uniam-se, e estão unidos, no coração do território brasileiro, onde nascem os grandes rios e, com Brasília, as grandes estradas.

As rodovias, ferrovias e a aviação ganharam um ponto central e equidistante do todo nacional.

A Marcha Para o Oeste e para a Amazônia tornou-se uma realidade.

O Brasil passou a caminhar, a passos largos, para viver os grandes destinos que o futuro, o Terceiro Milênio, lhe reserva. Daí a propriedade com que Juscelino Kubitschke, definindo Brasília, chamou-a de "cérebro das altas decisões" e, dela, lançando "os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País", anteviu uma "alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Ao longo da História, muitas são as antevistas clarividentes sobre o porvir e o significado de Brasília, entre as quais se inclui o sonho profético de Dom Bosco.

E o presidente Juscelino, alguns meses antes do seu falecimento, disse-nos, no seu escritório, na Revista Manchete:

— Adirson, Brasília será a Capital do Terceiro Milênio. Viva e verás!